

6. O Esposo na Aliança Bíblica

Através dos místicos, Clara foi levada ao Cântico dos Cânticos e aos Santos Padres. Através dos Santos Padres passou do Cântico para a Aliança e redescobriu em uma profundidade maior o Esposo Jesus Cristo. Com o Jesus Esposo ela “saiu do século” e foi para a plenitude: ser “com a Virgem Maria coroada”, como tinha dito São Francisco.

Vamos dividir este capítulo em três grandes seções:

O Cântico dos Cânticos

A Aliança e os Profetas

Jesus é o Esposo

6.1. O Cântico dos Cânticos

Pelas mãos dos santos Padres somos levados – numa leitura do Antigo Testamento à luz do Novo – ao coração da Bíblia, em que o *Cântico dos Cânticos* nos fala da mais profunda união ao Deus infinito que nos ama. Ao introduzir o seu *Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Orígenes escreveu:

“Para mim, Salomão escreveu em forma de drama este epitalâmio, isto é, um cântico de casamento, e o cantou como se fosse o de uma noiva que vai se casar e está inflamada de amor celeste por seu esposo, que é o Verbo de Deus”¹.

Santa Clara chega a usar essa mesma expressão “inflamada de amor celeste” certamente porque conheceu o Comentário de Orígenes sobre a “chama de amor”, pelo menos através de São Bernardo.

É surpreendente encontrar na Bíblia um livro como o Cântico dos Cânticos, com seu forte apelo erótico. Mas é bom lembrar o que disse o rabi Aquibá (+135 dC), defendendo o valor e a pureza desse livro:

“Que ninguém em Israel diga que o Cântico dos Cânticos torna as mãos impuras, pois o mundo inteiro não é digno do dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel”.

Na visão dos sucessivos pactos com Noé, Abraão e Moisés, e dos esponsais com o Povo, ele é um livro central: comunica que é Deus quem toma a iniciativa de vir como esposo ao encontro da esposa, o Povo. Vamos destacar dois pontos.

6.1.1. O amor é caminho divino do homem

Lemos nos Provérbios: “Há três coisas que me ultrapassam, e uma quarta que não compreendo: o caminho da águia no ar, o caminho da serpente na pedra, o caminho da nave no mar, o caminho do homem na donzela” (Pr 30,18-19). O amor entre um homem e uma mulher é um “caminho”, como caminhos são três grandes elementos naturais: o ar, a terra e a água. Então, podemos pensar que é o quarto elemento: o fogo.

O amor humano aqui exaltado é uma porta para penetrar no amor divino. A Bíblia apresenta os traços de Deus em linguagem humana, e também descreve o homem de acordo com um plano divino: faz uma antropologia de Deus e uma teologia do homem. Seus textos têm leituras diversas de acordo com os alegoristas ou com os literalistas

Para nós, a *interpretação simbólica* capta o melhor do que foi indicado por uns e outros, buscando uma harmonia propriamente “simbólica”. Porque a *interpretação literal* (erótica ou romântica) é incapaz de acolher o que a tradição judeu-cristã viu no sinal nupcial, por não deixar um espaço transcendente para além do amor. E *interpretação espiritual* peca por não

¹ ORÍGENES, Comentário ao Cântico dos Cânticos, I,1.

levar a sério a realidade do texto: o universo amoroso, reduzindo-o a uma moral para evitar que o *espiritual* seja “manchado” pelo *carnal*.

6.1.2. A chama do amor. O mistério de um fogo comum

“Grava-me como um selo em teu coração. Como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor, implacável como o abismo é a paixão; e seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas. Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir” (Ct 8,6-7).

O amor humano do *Cântico dos Cânticos* abre-se até vir a ser o símbolo mais eloqüente para falar de Deus. Sem deixar de ser plenamente humano, o amor adquire um valor místico que o torna adequado para representar o amor de Deus. O *Cântico dos Cânticos* não quer testemunhar apenas um amor humano, mesmo com toda a sua beleza: ele evoca continuamente algo mais além no próprio mistério do amor. O livro não enfrenta um desenvolvimento “religioso” do tema. Apenas sugere, a não ser quando fala da “chama de Javé”.

Seria inadequada uma interpretação literal-erótica, mas os elementos corpóreos, sexuais e sexuados do livro são importantes. O amor que brota transparente de um coração apaixonado já é uma realidade divina. O amor sempre é limpo; não precisa de água benta. Se houver pecados serão injustiças ou abusos contra a pessoa, como pode acontecer com qualquer outra coisa sagrada.

Se as primeiras palavras humanas da Bíblia são o canto admirado do homem diante daquela que lhe foi dada como *ajuda semelhante*: “Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne”, o *Cântico dos Cânticos* seria uma prolongação desse mesmo êxtase amoroso, celebrado por ele e por ela.

Nesta concelebração extasiada no jardim do amor, são convocadas também as criaturas: aqui brilharão o sol e a lua; o amanhecer e o anoitecer trarão a luz ou o mistério; estarão presentes os perfumes e aromas... e tudo que pode expressar a embriaguez e a doçura do amor. Todo o poema amoroso leva a uma expressão característica do amor sponsal: a recíproca pertença. Diante de Javé, a amada diz: “Meu amado é meu e eu sou dele”. O Cântico é uma grandiosa e gloriosa benção de Deus sobre o amor humano, sobre o matrimônio, sobre a ternura. A história de amor narrada neste livro é uma história precisamente sponsal, cercada e enriquecida de fascínio apaixonado até uma total consumação transformadora, como sugere a expressão “chama de Javé”.

A tradição cristã que se expressa na liturgia e na exegese através dos séculos leu o Cântico identificando a esposa com a comunidade eclesial e com cada alma cristã. O maior número de comentários foi no séc. XII. Mas os comentaristas cristãos, quase sempre monges, nem sempre souberam respeitar o realismo humano do Cântico. Em vez de lê-lo como símbolo, converteram-no em alegoria intelectual, que se alimenta do cadáver da imagem. Esmiuçaram quadros e cenas, para traduzir cada detalhe a um conceito ou idéia espiritual. Não é esse o caminho.

Para entrar na espiritualidade de Santa Clara, estamos considerando que ela – como a esposa do Cântico dos Cânticos – festejou o amor do Esposo em tudo que escreveu para Inês de Praga, especialmente no “Hino à Pobreza”, de sua primeira carta, e no “Feliz é você”, da sua quarta Carta. E que Francisco, o seu companheiro humano da aventura sponsal, também se arrebatou no “Cântico de Frei Sol” e no cântico “Ouvi pobrezinhas”. Mas de uma maneira toda especial nos Salmos que criou para o Ofício da Paixão e em quase todas as suas orações. Eles entraram na torrente dos cânticos bíblicos.

6.2. A Aliança e os Profetas

O Deus da Bíblia sempre quis estar ligado ao seu Povo por alianças. Na primeira vez, ao salvar a família de Noé, fez com ele um pacto de Aliança, e colocou no céu o arco-íris, como

símbolo desse pacto (cf Gn 9). Na segunda vez, fez um pacto de Aliança com Abraão e sua descendência (cf Gn 15-22). Na terceira vez, levando o Povo para fora do Egito, concluiu com ele mais um pacto de Aliança com Moisés no Sinai, e lhe deu as tábuas da Lei (cf Ex 19-24). Houve uma história antes desta grande Aliança, e também depois, como podemos acompanhar nos profetas.

Os profetas foram mensageiros mandados por Deus ao seu Povo cada vez que a Aliança era esquecida. Mas, no fundo, a Aliança era sempre uma mensagem de amor. Deus tinha estabelecido a Aliança por seu amor todo especial, a *Hesed*, que falava de ternura, compaixão, algo do que se tentou traduzir com a palavra grega *Éleos* ou com a palavra latina *Misericórdia*.

Originariamente (como nos casos de Abraão e de Moisés) a aliança tinha um aspecto jurídico: um pacto entre Javé e seu povo. Os profetas carregaram-na de afeto. A idéia de aliança dá lugar à formação do povo da aliança, que permite elaborar o pensamento e as instituições que dão uma fisionomia particular à sociedade bíblica. O *sentimento* da presença divina caracteriza a sociedade hebraica. E esse *sentimento* corresponde à aliança: Deus está *com* Israel. O pecado de Israel foi ter *reduzido* a aliança a um privilégio diante dos outros povos, sem penetrar no *conhecimento* de Deus e numa existência histórica de acordo com esse conhecimento. E também ter aproveitado a segurança dessa aliança para adotar os deuses de outros povos, como Baal, deus da fertilidade em Canaã.

Por causa dessa infidelidade apareceu o ministério profético: para *in-quietar* um Israel esquecido e submetido a povos e divindades estranhas; *admoestar* um Israel inclinado à corrupção social contra as classes mais desfavorecidas; e *lutar* com Deus em favor de seu povo pecador. Por isso há um encontro dramático entre os profetas e o povo. Eles deram outra orientação à aliança: mais que um pacto, é um dom gratuito de Deus; e está fundada mais na promessa do que no compromisso. É, cada vez mais, uma relação de amor.

Dáí nasceu a simbologia esponsal e, conseqüentemente, a exigência da fidelidade, uma fidelidade que podia resistir às separações que tivessem acontecido. Por isso, também foi importante no relacionamento entre os profetas e o Povo o conceito de história, na qual se desenvolvia um verdadeiro drama. O Deus de Israel era esposo do povo, não de sua terra: o amor que os une tem uma história; as atenções gratuitas de Deus e o triunfo de sua misericórdia sobre a infidelidade de seu povo são temas proféticos. E a pregação profética nunca considerou a hipótese de uma ruptura fatal, com o divórcio ou o repúdio entre Deus-Esposo e Israel-esposa. Vamos chamar a atenção para quatro profetas principais: Oséias, Isaías, Jeremias e Ezequiel.

6.2.1. Oséias

Foi profeta entre 750-725 AC. Nasceu e cresceu num dos poucos tempos de esplendor de Israel, mas também enfrentou uma das circunstâncias mais duras. Corrupção, abusos econômicos e ambigüidades militares foram destruindo tanto o estado de direito como o relacionamento entre o Povo e seu Deus. Por isso, Oséias foi duro contra os governantes. Mas também enfrentou o período mais crítico da idolatria no culto a Baal.

O estabelecimento na Terra Prometida tinha levado muitos israelitas, antes pastores, a serem agricultores. Por isso, passaram a pensar que um *Deus* de pastores não servia para suas atividades agrícolas e precisavam de um *deus* que os ajudasse a cultivar a terra. Foram passando para Baal e para seus cultos. Javé continuou a ser o Deus do povo, mas quem satisfazia as necessidades primárias era Baal. Era ele quem dava o pão e a água, a lã e linho, o vinho e o azeite. Mas Javé era ciumento e não admitia compe-tições.

Oséias não comunicou algo revelado: sua *vida* se fez revelação, Deus falou no que ele viveu. A eterna fidelidade de Deus torna-se palavra viva no drama da infidelidade sofrida por Oséias. O profeta foi um esposo profundamente apaixonado e depois traído, que sofreu cruelmente as infi-delidades da esposa, a tortura de um coração que experimentou na escu-ridão as claridades fulgurantes do amor de Deus.

À luz dessa experiência, Oséias contemplou um Deus que manifesta a ternura de um esposo cheio de carinho e, ao mesmo tempo, toda a dor de um amante enganado. É um Deus que suplica, se lamenta, exorta, ameaça, castiga, se afasta para despertar o desejo de uma volta sincera. Preocupa-se, duvida se deve castigar e sente a dor de ter tido essa dúvida, cheio de ternura e compaixão. E no fim se acalma, prometendo uma reconciliação definitiva. Até então, Deus não tinha falado ao homem dessa maneira.

6.2.2. Isaias

O Primeiro Isaias (1-39) faz uma denúncia da desilusão de Deus, com um ponto alto no “Poema da vinha”. Supõe uma relação nupcial entre o Senhor e sua vinha, símbolo de Israel, uma relação cheia de ternura, indicada pela expressão *dodî* (meu amado). O profeta se apresenta como o “amigo do esposo”. A ternura apaixonada de Deus por sua “plantação preferida” se revela nessa seqüência de iniciativas de amor: “ele a escavou, preparou e plantou boas cepas; construiu uma torre e cavou um lagar...”. Mas sofreu uma rejeição, infiel e injusta, que o profeta amigo-do-esposo teve que registrar com amargura.

Amor e desilusão são a base desta leitura simbólico-nupcial da história de Israel e Judá diante um Deus esposo. Quando João retoma essa imagem, há duas mudanças importantes: a) a vinha já não é o povo, mas o Filho enviado por Deus, em quem se enxertam os homens; b) em vez de “justiça” fala em “amor”, que engloba e radicaliza a justiça.

O Segundo Isaias (40-55) acontece numa situação diferente. Israel está desterrado na Babilônia e a palavra profética adota um tom de misericórdia. É o grande poema da volta do desterro. Este autor anônimo do séc. VI AC define todos os matizes do amor em um tema nupcial de finíssima lírica. Descreve Israel antes da aliança com Deus como uma mulher estéril, sem marido, sem filhos. Mas o Senhor apareceu, e foi capaz de superar todo tipo de esterilidade, capaz de fazer da estéril uma mãe feliz. Israel precisou ampliar a tenda de sua família.

O Terceiro Isaias (55-66) se apresenta no meio da pobreza e do desânimo dos repatriados no período pós-exílio. O canto nupcial deste Isaias está no capítulo 62. Uma breve antecipação introduz o poema da *nova Jerusalém*: o Senhor reveste Israel com o manto nupcial e entra com ele na cena, solene e gloriosamente: “eu me alegro com meu Deus: porque me vestiu um traje de gala e me envolveu em um manto de triunfo, como noivo que se coroa ou noiva que se adorna com suas jóias”.

Toda esta parábola nupcial se encerra na alegria transbordante de um Deus-jovem-esposo, que toma por esposa aquela que ele fez com suas mãos: “Como um jovem se casa com uma donzela, assim te desposa aquele que te construiu” (Is 62,5).

A voz do esposo rompe o silêncio antes de aparecer a estrela da manhã. Jerusalém se transforma numa esposa impaciente, intensamente dedicada aos preparativos da festa. O esposo aparece como o sol brilhante: a cidade é tomada pela luz solar e se vê como uma resplandecente coroa de ouro. A cidade é a própria coroa que o esposo coloca na cabeça da princesa que vai receber o “nome novo”: “Já não te chamarão ‘a Abandonada’ nem à tua terra ‘a Devastada’. Vão te chamar ‘Minha Preferida’ e à tua terra ‘a Desposada’”.

6.2.3. Jeremias

Também usou a simbologia sponsal. Ele nasceu em Anatot, da tribo de Benjamim, em meados do séc. VII AC. Podemos seguir seu itinerário trágico e comovente. Jeremias percorreu-o apaixonadamente, perdido entre as saudades dos oráculos de promessa e a presença dos oráculos de ameaça que Deus lhe impôs; entre a obediência à missão divina e a solidariedade com seu povo sofredor. Com olhos lúcidos, iluminados por Deus, tem que ir assistindo ao fracasso sistemático de toda sua vida e atividade.

A temática sponsal como simbologia aparece nos capítulos 2-3 de seu livro. O amor de Deus é mostrado em um solilóquio divino dentro de um grande apelo de Javé a seu povo: amor e fidelidade são indissociáveis, e atentar contra a fidelidade é tornar sacrílego o próprio amor. O termo *hesed* na linguagem bíblica é a virtude da aliança por excelência, e expressa também a

atmosfera de fidelidade amorosa que vincula os namorados, como Deus não se cansa de mostrar através de Jeremias, porque é um profeta da ameaça e do castigo, mas também da consolação e da esperança.

6.2.4. Ezequiel

Ezequiel vivia serenamente seu casamento, e estava apaixonado por sua esposa, que chamava de “o encanto de meus olhos”. Ela morreu de repente, e a dor ajudou o profeta a entender o que o esposo-Deus sofria diante do abandono da esposa-Israel. Israel era como uma juvenzinha selvagem e abandonada. Deus passou e, com gestos tipicamente esponsais na simbologia bíblica, apresentou-a como resgatada e engalanada. Ela cor-respondeu constituindo-se com toda espécie de traições e abominações.

A resposta de Deus-esposo é a surpreendente novidade de quem acolhe sempre numa incansável misericórdia, sem permitir que a história acabe em traição. Diante dessa atuação amorosa do Deus-esposo, Israel-esposa vol-tará e pedirá perdão a Deus, abrindo um novo e definitivo horizonte de amor e de fidelidade. Essa seria, em resumo, a mensagem profética em relação ao tema que nos ocupa.

6.3. A nova Aliança – Jesus é o Esposo

6.3.1. Jesus é o verdadeiro Esposo

A história da salvação chega à meta na revelação de Jesus, Palavra definitiva de Deus, que vem recapitular o que tinha sido dito no Antigo Testamento através de tantos mediadores e mensageiros a cada geração histórica. Na Pessoa de Jesus, Deus abraça o homem (Filho de Deus) e o homem abraça Deus (Filho do homem). Sua natureza divino-humana apresenta-nos uma união excepcional, porque na humanidade de Jesus realiza-se com perfeição tudo que a humanidade histórica (povo e cada indivíduo) está chamada a viver com seu Criador. Jesus Cristo-Deus é o Esposo que vem ao encontro da humanidade e, ao mesmo tempo, Jesus Cristo-homem é essa humanidade esponsal encontrada por seu Criador, a Cabeça de um corpo que constitui a humanidade nova desposada com a Trindade.

Nas Bodas de Caná (Jo 2,1-11), João apresentou uma cena carregada de simbolismo esponsal, que culmina numa declaração em que está a chave simbólica de todo o relato e de sua significação cristológica esponsal: “Todo mundo serve primeiro o vinho melhor, e quando os convidados já estão um tanto bêbados, vem com o pior. Tu guardaste até agora o vinho melhor”. Em Caná fala-se três vezes do vinho e não se diz o nome dos noivos: o vinho estava associado na literatura profética ao anúncio dos tempos da restauração messiânica quando Deus desposará seu povo na fidelidade e no amor. As palavras ditas ao noivo são aplicadas a Jesus: *Jesus fez seu primeiro sinal*. Tudo consiste na presença do esposo que começa a se manifestar.

6.3.2. O amigo do Esposo

O comportamento de João Batista em relação a Jesus é explicado por uma figura semítica dos casamentos: o amigo do esposo. Sua missão era acompanhar o esposo e contribuir para o esplendor da festa.

Por isso, o amigo “tinha que diminuir para o esposo crescer”. No contexto nupcial “crescer” alude à benção dada por Deus ao homem em Gn 1,28: “Crescei e multiplicai-vos”, indicando a fecundidade da aliança definitiva inaugurada pelo Messias. João é o amigo do esposo. Com a chegada de Jesus-Esposo, começa o tempo messiânico e se celebram as Bodas entre Deus e seu povo.

Paulo também reivindicou um lugar de amigo do esposo: “tenho ciúmes de vós, ciúmes de Deus, porque vos prometi a um só marido para apresentar-vos a Cristo como virgem intacta” (2Cor 11,1-3).

6.3.3. A esposa ouve o Esposo

A alegria de escutar a voz do Esposo não foi privilégio do Batista: é parte do discipulado cristão escutar aos pés do mestre, como no modelo rabínico. Essa é uma nota interessante da vocação cristã contemplativa, prefigurada em Maria de Betânia, mas que tem seu ponto alto em Maria de Nazaré. Uma longa tradição viu em Nossa Senhora o elo entre os dois Testamentos. Ela foi muitas vezes invocada como a *filha de Sião*, em quem se cumpriram as profecias messiânicas do Antigo Testamento.

Nos evangelhos de Lucas e de João, Maria inaugura e antecipa a nova Salvação. Ela seria a Virgem, a Mãe e a Esposa. O mistério nupcial da Virgem Mãe se entende especialmente em relação com Aquele que, dentro do mistério de Deus, é a nupcialidade eterna do Pai e do Filho, e na economia da salvação é o artífice da aliança esponsal entre Deus e seu povo. Na figura da Esposa condensa-se o dom acolhido pela Virgem e realizado na Mãe: o céu desce para a terra e firma suas raízes; a terra saboreia o amanhã de Deus que lhe foi dado e prometido.

Dentro da *aliança esponsal* protagonizada na história salvífica por Deus e seu povo, Deus e cada pessoa humana, Maria *esposa do Paráclito* indica com sua própria vida o mistério nupcial que o Espírito constrói. Podemos dizer que há uma analogia entre o que o Espírito faz em Maria e o que faz na Trindade e na história da Igreja, e por isso a esponsalidade da Virgem se prolonga na história cristã na relação pessoal que cada crente e todo o Povo de Deus têm com o Espírito Santo: entrega incondicional (*fiat*), acolhendo a Palavra, meditando-a no coração, vivendo-a cada dia e dando-a à luz pelo testemunho da existência. Pavel Evdokimov disse que Maria, pela força do Espírito Santo, gerou Deus na terra e o homem no céu.

6.3.4. A Igreja, Esposa do Verbo

A Igreja é a “esposa” por excelência, como Jesus é o “esposo”. Maria faz parte da Igreja e, como tal, participa dessa esponsalidade eclesial. Maria representa a parte da Igreja que conseguiu viver fielmente a vocação esponsal. O Senhor quer ver sua Igreja como Esposa bela, digna dele. Maria é aquela subjetividade capaz de corresponder plenamente, em sua maneira feminina e conceptiva, à subjetividade masculina de Cristo, pela graça de Deus. Ela é o espaço eclesial em que Deus se vê correspondido esponsal-mente. Mas Maria não esgota todo o Povo de Deus. É à Igreja que corresponde o título de esposa.

O ponto messiânico mais alto coincide com o cumprimento de todas as profecias e promessas em torno à figura do Esperado, que aparece como o Esposo. O tempo cristão com referência à comunidade messiânica – considerada bíblicamente como “Esposa” – é definido como o “tempo do Esposo”.

Na carta aos Efésios (Ef 5,21-33), o amor esponsal de Cristo gira em torno de um texto que costuma ser chamado de “mesa doméstica” porque tem indicações para a vida de família: os cônjuges, os filhos, os escravos. Fiquemos com o que diz a respeito dos cônjuges: “Maridos, amai vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para purificá-la com o banho da água e da palavra, e consagrá-la, para apresentar uma Igreja esplêndida, sem mancha nem ruga ou nada semelhante, mas santa e imaculada”.

Podemos ler paralelamente 2Cor 11, em que se diferencia o período do noivado e o casamento: a comunidade de Corinto era só a “noiva” de Jesus-Esposo; o casamento estava marcado para o dia final. É sempre um processo. Neste período, Cristo se dá à Igreja, renova sua oferta e seu amor por ela, santifica-a com os sacramentos, dirige-a pessoalmente para que chegue a ser sem mancha nem ruga. Cristo é o Esposo, a Igreja é a Esposa, mas a esponsalidade ainda não é plena. A Igreja é como a jovem que foi desposada; já está consagrada ao Esposo-Cristo, por quem já entrou no estado jurídico de casada, mas quando for introduzida na casa do Esposo estará definitivamente com ele, participando plenamente de sua glória divina.

Na mesma linha, podemos encontrar no Apocalipse uma descrição da relação esponsal entre Cristo e a Igreja. O Apocalipse tem uma visão dramática e integral da história como um campo de batalha. Nesse campo se apresenta o tempo do Messias-Esposo, que entra na história humana

para encontrar e redimir a Esposa-Igreja infiel, e o tempo do Esposo é, ao mesmo tempo, o tempo dos ciúmes de Deus em seus dois aspectos de amor colérico e salvador, sem que isso implique volta a uma imagem de Deus mais própria do Antigo Testamento.

O Apocalipse trata disso em dois tempos: primeiro, o amor jovem e volúvel, generoso e frágil; segundo, a comunhão plena e eterna do Esposo e da Esposa.

6.3.4.1. O “amor primeiro”, entre a generosidade e a fragilidade

Cristo-Esposo está sempre presente na vida da comunidade e de cada cristão: as chamadas *cartas às sete igrejas* são testemunho dessa solicitude de Cristo que conhece e acompanha sua Igreja. Vamos ver duas dessas igrejas: a de Êfeso e a de Laodicéia.

A carta à *comunidade de Êfeso* começa com uma descrição elogiosa das “virtudes” conquistadas por esta igreja. Os cristãos de Êfeso têm um compromisso real, um amor sincero por Jesus ressuscitado que justifica as coisas boas que estão fazendo, a ponto de enfrentar provas e dificuldades.

Mas depois disso há uma quebra, e a comunidade corre o risco de arruinar suas luzes (será excluída do candelabro, na comunhão das igrejas), pois esqueceu o primeiro amor. Recordam-se os ciúmes de Deus como um eco de Oséias, quando Javé também recriminava a infidelidade da esposa aludindo ao amor da juventude, ao período do deserto.

Mas o mensageiro de Deus propõe a volta ao primeiro amor usando três imperativos: *lembra-te, converte-te, faz*: três atitudes basilares da história de Israel: recordar.

Na carta à comunidade de *Laodicéia* há outro exemplo de como o Res-suscitado adota um tom exortativo-ameaçador para expressar seus ciúmes esponsais pela Igreja concreta. Denuncia apaixonadamente o que não é correspondência amorosa por parte de quem dele tinha recebido tudo. O delito de Laodicéia não está na falta de amor, mas na tibieza de sua entrega. Essa situação de indiferença merece a tremenda admoestação: porque és morno, vou te vomitar de minha boca. Mas a “cólera divina” pertence ao estilo dos *ciúmes de Javé*, que é sempre misericordioso.

6.3.4.2. As núpcias últimas e definitivas

Depois de toda uma história grávida de verdade e de fragilidade na re-lação da Igreja com Deus, vem o momento escatológico em que se celebra para sempre as Bodas de Cristo-Esposo e da Igreja-Esposa (incluindo cada pessoa). O Apocalipse apresenta duas notas sobre essa realidade final.

Em primeiro lugar, no capítulo 19, depois de descrever a queda da Babilônia, celebra-se a relação esponsal entre o Cordeiro e a Igreja. A Igreja deve fazer e vestir um traje especial para o casamento. O *linho puro resplandecente* consiste nas “boas obras dos santos”, imagem fundamentada no conceito paulino da relação entre graça e boas obras, que lhe permite entrar na ceia nupcial.

Em segundo lugar, há uma insistência na dimensão eclesial dessas núpcias. São núpcias com a cidade santa, a Jerusalém nova, adornada como noiva para seu noivo. Nenhum cristão é isolado. A *comunidade de pessoas*, a *comunhão dos santos*, supõe uma partilha real da vida como morada solidária de Deus no meio deles.

6.3.5. O ser humano existe para desposar Deus

O ser humano, esponsal por natureza, é *imagem e semelhança* de Deus que se revelou como comunhão de amor e esponsalidade trinitária.

Falando de aliança, vimos que nela está a chave para entender a proposta de Deus de devolver ao homem sua vocação original: viver em comunhão humana a partir do fiel reflexo da comunhão divina. O êxodo para a nova aliança vai ser marcado por essa pertença recíproca, afetiva e efetiva, magnificamente expressa em: “*Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo*” (Ex 6,7).

Fala-se da Aliança desde o começo: Deus caminhou na direção do povo, e o povo na direção de Deus. Deus e cada um de seus filhos foram concordando. Os gestos e as palavras, os dramas e as esperanças, as certezas e os temores dos homens foram a ocasião para Deus entrar com suas obras e ditos, como pudemos ver em Abraão, Moisés, Oséias, Isaías, Jeremias, Ezequiel e no Cântico dos Cânticos.

A encarnação do Filho de Deus foi o ponto alto dessa mútua pertença, quando na Pessoa de Jesus uniram-se Deus e o homem. A nova humanidade inaugurada com Cristo não se esgota nele, que é a cabeça de um corpo formado por todos e cada um de nós. Deus se revelou aos poucos, constituiu a Igreja como interlocutora sponsal, mas há dois momentos: um histórico e outro escatológico. O primeiro é para ir amadurecendo e aumentando a pertença sponsal do homem diante de Deus. O segundo será no fim da história como vimos em São Paulo e no Apocalipse.

Todo esse percurso termina com uma síntese: “O Espírito e a noiva dizem: Vem!” (Ap 22,17). Aí está escrito noiva (*nynfe*) e não esposa. A experiência complexa que os ouvintes do Apocalipse escutaram na primeira parte do livro, aprendendo devagar o amor a Cristo, leva-os a colaborar para sua vinda na história.

Aqui se inscrevem os três *gemidos* de que Paulo fala na carta aos Romanos: o gemido da criação, o gemido de cada homem e mulher, o gemido do próprio Espírito de Deus. Geme-se porque já se saboreia o final definitivo, mas ao mesmo tempo se tem a vivência cotidiana do inacabado, do imperfeito, do que ainda não chegou. A Igreja recebeu como noiva as primícias do Espírito, mas aguarda o momento oportuno.

Não estamos diante de uma questão abstrata sobre Deus, mas diante de sua revelação cristológica. A pergunta foi ele quem fez: “quem dizem que eu sou?... e vós, quem dizeis que eu sou?”. Responder a essa pergunta reconhecendo em Jesus esse rosto sponsal de Deus foi o que ocupou tantos cristãos nas melhores páginas místicas, nas maiores obras missionárias, nos caminhos mais insuspeitos do seguimento do Senhor e do serviço aos irmãos em quem Ele está presente.

O encontro com Jesus no claro-escuro da história pessoal e social é o grande desafio de cada geração. Da disponibilidade da pessoa vai depender, ao menos em parte, que esse “abismo luminoso” que é Cristo continue a ser dolorosamente abismático ou se torne um lar pessoal, cuja contemplação nós já não possamos deixar, por mais que a luz cegue e a profundidade desassossegue. O encontro com Cristo não é uma meta à que se chega, é um caminho em que alguém se coloca.

Desse encontro com Cristo Esposo, contemplado e testemunhado por cada geração, fala-nos a história da Igreja em todos seus lances vocacionais dos diferentes caminhos em diferentes carismas. Na história da Igreja podemos ouvir o contínuo convite do Espírito à Noiva: Vem! Os que corresponderam a esse chamado geraram uma vida, uma espiritualidade e uma cultura (arte, literatura, música...) que se integram no horizonte sponsal da auto-revelação de Deus.

Ainda vamos continuar nossas reflexões, mas eu proponho desde já que olhemos para Clara de Assis como uma mulher que – seguindo os passos de Maria – assumiu ser a Esposa mãe e virgem e até mesmo a Esposa-Igreja por sua intercessão pela cidade de Assis e pela consciência de ser “auxiliar do próprio Deus, sustentáculo dos membros vacilantes do seu corpo infável” (3CtIn 8), integrada “à Igreja triunfante e mesmo à militante” (TestC 75). É aguda a perspectiva de Francisco que, no cântico “Ouvi pobrezinhas!” viu Clara e suas Irmãs “no céu coroadas como a Virgem Maria”. Vestida de sol, com a coroa das doze estrelas das tribos do Povo e com a lua debaixo dos pés.